

Espelhos didáticos e de entretenimento? A receção e a função do conto na literatura moral, catequética e hagiográfica em Portugal no século XVII

Didactic and entertainment mirrors? The reception and function of the short story in the moral, catechetical and hagiographic literature in Portugal in the seventeenth century

Paula Almeida Mendes

CITCEM, Faculdade de Letras da Universidade do Porto
paula_almeida@sapo.pt

Palavras-chave: conto, literatura, exemplaridade, entretenimento, Portugal, Século XVII.
Keywords: tale, literature, exemplarity, entertainment, Portugal, XVIIth century.

1. Como é sabido, o conto constitui uma das formas de narrativa breve, cuja produção – que se poderá revestir de matizes diversos¹, traduzidos por designações específicas (conto popular, oral, tradicional, literário, ainda que possa abarcar a simples anedota ou o “chiste jocoso”) – e receção alcançaram uma vasta amplitude. A sua evolução, como Jean-Michel Laspéras (1987, p. 115) já realçou, escorou-se em várias fases²: a primeira, desde a Antiguidade, com raízes anco-

¹ Como é sabido, a problemática em torno da definição de género, que tem “vindo a ser discutido desde Platão (Livro III da *República*), Aristóteles (*Poética*) e Horácio (*Epístola aos Pisões*), percorreu a teoria medieval e renascentista e continuou a ser sistematicamente reflectido até meados do século XVIII, através das *Poéticas* neoclássicas – procurando responder não só a problemas de divisão, como de caracterização e mesmo de hierarquização” (Castelo Branco, 2001, p. 204).

² “A passagem ao escrito vai determinar, por outro lado, a tomada de consciência de um espaço a ser ocupado pela linguagem, exigindo regras determinadas de disposição e de ordenação. Se, no discurso erudito, a retórica clássica com as três categorias da *dispositio*, *elocutio* e *inventio*, permite uma evolução sem ruptura a partir dos moldes latinos, já no discurso literário a referência clássica, se está presente – como o demonstra E. R. Curtius – não constitui a única nem, talvez, a dominante influência” (Glória, 1988, p. X).

radas na tradição oriental, até à Alta Idade Média³; a segunda, desde a produção do *Disciplina Clericalis* (início do século XII), de Pedro Alfonso, judeu converso, até ao século XIV, retomando temas precedentes e contos da tradição oriental (Menéndez Pelayo, 1961, p. 3) do *Calila e Dimna*, do *Sendebâr* e do *Barlaam e Josafat* (Lacarra, 1979), cujo sucesso muito se deveu à sua função exemplar, na linha dos “espelhos de príncipes”, que remontavam à Antiguidade, e a que se poderão acrescentar “tradições de menor relevância, como a saga nórdica ou a poesia céltica” (Glória, 1988, p. X), contribuindo, deste modo, para o florescimento do *exemplum* (Bremond, Le Goff & Schmitt, 1982); e a terceira, que resulta do sucesso e da importância do *exemplum* (Delcorno, 1989) e da novela de matriz italiana, que vai, cada vez mais, privilegiando a dimensão do entretenimento, que potenciará, posteriormente, a emergência do romance.

No entanto, como já realçou Teresa Amado (Amado, 1997, p. 16), a palavra “conto” (de ‘computu – ‘cálculo, conto’) (Paredes Nuñez, 1984), “que vem para o português visivelmente por via francesa”, não parece ter tido uma integração fácil na língua, que durante muito tempo preferiu, como veremos, o termo “história” (Quint, 2000, pp. 13-26; Mimoso, 2005, pp. 23-25), verdadeira ou ficcional/“inventada”, para denominar estes textos e relatos calibrados pela *brevitas*.

Como é sabido, o conto conheceu uma fase de fulgurante sucesso ao longo da Idade Média, nomeadamente nos séculos XIII e XIV, durante os quais foi fecundamente cultivado: nesta época, os contos configuravam-se como breves *exempla*, utilizados, sobretudo, pela parenética ou por obras que se inscreviam no filão da literatura moral ou religiosa, como, por exemplo, o *Horto do Esposo*, que disponibilizava um significativo conjunto de narrativas breves, legitimadas pela *auctoritas* da fonte, que encerravam sempre uma lição moral e didática. Por outro lado, como já sublinhou Massaud Moisés (Moisés, 1975), poderemos também encontrar nos *Livros de Linhagens* (ou *Nobiliários*) narrativas breves, que o autor denominou “formas embrionárias do conto”. Tendo em conta esta moldura, torna-se assim evidente que o conto surge em registos de tipologia diversa: na hagiografia, na cronística, na historiografia, na sermonária, etc. (Glória, 1988; Amado, 1997, p. 14).

Ora, esta moldura altera-se, a partir do século XIV, pois, paulatinamente, a dimensão religiosa e moral destas narrativas breves, de função exemplar, passa a estar associada à dimensão do entretenimento (ou seja, captar a atenção e o interesse dos ouvintes e dos leitores, divertindo-os). Deste modo, torna-se evidente que, paulatinamente, se foi operando uma espécie de secularização do *exemplum* (Delcorno, 1989, p. 11; Mimoso, 2005, pp. 27-28), potenciada, em larga medida, pela própria evolução literária da narrativa de cariz laico, muito especialmente da “novella” de matriz italiana, cultivada por autores como Giovanni Boccaccio, Matteo Bandello, Straparola, entre outros, que, como sublinhou Marcelino Menéndez Pelayo, circularam em Espanha, não raras vezes através de traduções em castelhano e em catalão (Menéndez Pelayo, 1961, pp. 3-40). Deste modo, afirmam-se

³ De resto, esta foi também uma época de grande cultivo das fábulas: aliás, é possível rastrear semelhanças entre as fábulas indianas e os contos de animais inseridos em coleções indianas.

duas vertentes diferentes: uma que pretende, essencialmente, moralizar e outra que visa, preferencialmente, o divertimento, relevando da grande influência do *Decameron*, de Boccaccio, no sentido de aprofundamento da construção de personagens e de situações (Mimoso, 2005, pp. 27-28). Assim, seria desta segunda via que teriam surgido as coleções de novelas italianas, que, entre nós, circularam sob o nome de “histórias”, das quais, de acordo com Anabela Mimoso (Mimoso, 2005, p. 28), terá derivado a novela curta peninsular. O termo “novela” não era, efetivamente, utilizado no contexto peninsular, na medida em que era conotado com um certo carácter licencioso que pautava muitas dessas narrativas italianas. Segundo Anabela Mimoso, o termo “novela”, importado de Itália, só se vulgariza, na Península Ibérica, no século XVII, graças ao sucesso que as *Novelas Ejemplares* (1613), de Cervantes, conheceram (Mimoso, 1998, p. 302)⁴.

De resto, é possível respigar alguns testemunhos, a propósito da receção e da circulação destas novelas em Portugal: no *Espelho de Casados* (1540), o Doutor João de Barros afirma que “João Boccaccio fez muitas novelas contra as mulheres e delas diz mal no livro da Caída dos Principes” (Barros, 1540, fl. 125).

Em 1575, os *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo*, antologia de contos e histórias, de tradição oral ou fontes literárias, de Gonçalo Fernandes Trancoso, conheceriam um significativo sucesso, a avaliar pelo número de reedições que conheceu, e parecem, nesse sentido, refletir o gosto, entre os leitores e os ouvintes portugueses, por este tipo de narrativa breve (Mimoso, 1997; Nobre, 1999; Ferreira, 1974).

É óbvio que o conto (que, de resto, parece resistir às influências de outros géneros, ao contrário da novela, que tem tendência a abrir-se a múltiplas influências), “não desapareceu com a introdução na Península Ibérica da novela de origem italiana, antes coexistiram, dado que há uma continuidade entre estes dois géneros” (Mimoso, 2005, p. 36) – pesem embora as dificuldades e os matizes de que se poderão revestir as suas tentativas de definição, para as quais já chamou a atenção, entre outros autores, Juan Ignacio Ferreras (1987, p. 72), “algumas vezes sob a forma de dito ou apotegma, na linha dos *Ditos portugueses dignos de memória*, que vinha do século XVI” (Mimoso, 2005, p. 36), e das *Anedotas Portuguesas e Memórias Biográficas da Corte Quinhentista*, que, de acordo com Christopher Lund, que as editou, contêm já interessantes elementos narrativos (Lund, 1980).

Ainda que, no século XVII, não tenha sido editada, em Portugal, nenhuma compilação de contos, nos moldes da de Trancoso, tal moldura não significou que o conto – ou, pelo menos narrativas breves com as suas características – indissociáveis de uma dimensão exemplar e didática, tenha caído em desuso ou em esquecimento. Neste sentido, e comprovando a sua perenidade, valerá a pena ter em conta que este género continuou a ser cultivado, ainda que, por vezes, apresentando matizes diversos, tributários de uma evidente intertextualidade, de um cruzamento de elementos populares e eruditos, sem esquecer o contributo da novela de matriz italiana, mas que não poderão ser dissociados da sua função didática e de entretenimento, como o comprovarão algumas obras

⁴ Sobre a fluidez na utilização das várias designações, veja-se Quint, 2000, pp. 13-26.

que se inscrevem no filão da “historiografia”, de que são exemplo os *Paralelos de Príncipes e Varões Ilustres, amigos a que muitos da nossa Nação portuguesa se assemelharam, em suas obras, ditos e feitos; com a origem das Armas de algumas familias deste Reino* (1623), de Francisco Soares Toscano; da literatura moral – como o *Casamento Perfeito* (1630), de Diogo Paiva de Andrada; da literatura de pendor catequético – como o *Baculo Pastoral de exemplos divinos colhidos de vária e autentica historia espiritual sobre a doutrina cristã, utilíssimo não so para pregadores e pastores de almas, mas para todo o cristão que procura salvar-se e instruir seus filhos com bons exemplos* (1624), de Francisco Saraiva de Sousa; e da hagiografia, de que é exemplo o *Agiologio Lusitano dos Sanctos, e Varoens Illustres em Virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas* (1652, 1657 e 1666), cujos três primeiros tomos são da responsabilidade de Jorge Cardoso.

De resto, é bem sabido como a ofensiva contrarreformista valorizou e acentuou a dimensão didática, exemplar e edificante das obras produzidas nos tempos pós-Trento (Fernandes, 2000, pp. 187-193; Santos, 2000, pp. 125-130, e 2013, pp. 143-158; Carvalho, 2013, pp. 135-161), num quadro que não pode ser dissociado de uma estratégia de disciplinamento de comportamentos e atitudes dos fiéis (Caffiero, 1994). Neste sentido, não será despiciendo sublinhar que é esta “capa” da exemplaridade, que, “envolvendo” e “escudando” estes textos, muitas vezes importando modelos, motivos e tópicos da literatura de ficção, colocada, como é sabido, em xeque pelas autoridades eclesiásticas e civis, permite que esta literatura “contorne” possíveis “obstáculos” levantados pelo crivo da censura tripartida e veja a luz dos prelos. Deste modo, disponibilizam-se textos que, pese embora a sua dimensão didática, mais voltada para a utilidade, se socorrem também de elementos mais direcionados para o deleite – muitos deles inscrevendo-se na moldura do “maravilhoso” – que garantem o entretenimento dos ouvintes e dos leitores, concretizando, assim, o binómio horaciano, tão valorizado pelas Poéticas do século XVI.

2. Dedicados a D. Teodósio II, duque de Bragança, pai do futuro rei D. João IV, cujo escudo de armas ornamenta a folha de rosto da edição de 1623, os *Paralelos de Príncipes e Varões Ilustres, amigos a que muitos da nossa Nação portuguesa se assemelharam, em suas obras, ditos e feitos; com a origem das Armas de algumas familias deste Reino*⁵, de Francisco Soares Toscano, inscrevem-se, naturalmente, em uma ambiência de corte, que, como é sabido, muito valorizava, na esteira do Humanismo, o gosto pela História: aliás, disso é exemplo o significativo número de obras, pertencentes ao filão da historiografia, que faziam parte da livraria desta grande casa ducal, como mostrou Ana Isabel Buescu, no seu estudo sobre a livraria do duque D. Teodósio I, avô de D. Teodósio II (Buescu, 2016). O título e a estrutura da obra são, em larga medida, tributários das *Vitae Parallelae*, de Plutarco, mas também das coleções de *dicta et facta* (“ditos e feitos”), na medida em que integram relatos muito breves protagonizados por personagens relevantes – sobretudo da Antiguidade, mas também de épocas posteriores e até mesmo

⁵ A primeira edição saiu em 1623 e a segunda em 1773.

mais recentes – , convertidos em exemplos modelares (Pedrosa, 2004, p. 208), para o que concorreu, em larga medida, a reabilitação e revitalização do ideal heróico, no século XVI. Entre as obras que apresentam este tipo de repertório, que, por vezes, como sublinhou José Manuel Pedrosa (Pedrosa, 2004, p. 208), se confunde com a “lenda histórica” ou “pseudo-histórica”, e também com o “apoteagma”, encontra-se a tradução dos *Dicta et facta memorabilia*, de Valério Máximo, sob o título *Hechos e dichos memorables de romanos y griegos*, que Diego Gracián publicou, em 1529 (Pedrosa, 2004, pp. 208-209): de resto, tanto as obras de Plutarco, como as de Valério Máximo faziam parte do acervo da livraria da Casa de Bragança. Como realça Nadine Kuperty-Tsur (Kuperty-Tsur, 2001, pp. 63-81), a amplificação do conhecimento dos grandes heróis da Antiguidade, acentuada a partir do Humanismo, graças, em grande medida, à redescoberta da biografia clássica, nos círculos eruditos do Renascimento, configurou-se na revalorização das obras de autores como Plutarco, Suetónio ou Tácito, contribuindo para que esta se fosse afirmando como uma espécie de literatura “alternativa”, face a relatos de heroísmo de outra natureza, nomeadamente as “Vidas” de santos, que seduziam, facilmente, os leitores, graças à dimensão do “maravilhoso” que as enformava.

Na sua obra, Francisco Soares Toscano estabelece uma comparação entre uma personagem histórica clássica e uma figura da História de Portugal, sublinhando, sobretudo, as suas virtudes morais, praticadas em um grau heróico: ora, a valorização das personagens portuguesas reveste-se, naturalmente, de um significado especial, se tivermos em conta o facto de Portugal fazer parte, à data de publicação da obra, de uma Monarquia Dual, enfileirando-a num conjunto de obras, como a *Descrição do Reino de Portugal* (1610), de Duarte Nunes de Leão, que se escorava na exaltação do reino de Portugal, nas suas dimensões geográficas, tanto de natureza física como humana: com efeito, no “Prólogo ao agradecido leitor”, Toscano confessa que decidiu escrever esta obra, porque “animos naturalmente afeiçoados á honra Portuguesa, que leuados do amor da patria com instancia me pedirão tirasse a luz estes *Parallelos*”. Uma leitura da obra permitir-nos-á afirmar que algumas passagens se assemelham a “historietas”, cujos moldes são muito semelhantes aos do conto tradicional (Ferreira, 1981, p. 81), sobre as figuras históricas em causa, conjugando-se o didatismo com o entretenimento e o deleite, que, de resto, é uma dimensão que, a avaliar pelas palavras do próprio Francisco Soares Toscano, este teve em vista.

O capítulo XXV da obra estabelece um paralelo entre o conde Vandigesilo, que viveu no tempo de Dagoberto, rei de França, e D. Luís de Portugal, conde de Vimioso, e as suas respetivas mulheres. Esta breve narrativa coloca em destaque a virtude da castidade entre casados, que, como é sabido, havia já sido exaltada pela hagiografia, de que são exemplo os casos de São Julião e Santa Basilisa, mártires do séc. IV, de Santo Injurioso e Santa Escolástica ou Santo Eduardo, rei de Inglaterra, e a sua mulher, a rainha Edite (Gómez Moreno, 2008, p. 178), e em contos tradicionais. Para a breve narrativa sobre Vandegisilo, Toscano toma como fonte a *Officina* (Paris, 1520), de Ravisio Textor. Mas na prosa de ficção, nomeadamente no *Heptameron*, de Margarida de Navarra, a quadragésima novela (Navarra 1976, p. 171) apresenta uma estrutura análoga – “A irmã do conde de Jossebelin, depois de ter desposado, sem conhecimento do irmão, certo fidalgo

a quem este mandou matar, apesar de muitas vezes ter desejado fazer dele seu cunhado, caso fosse da mesma família que ela, com grande paciência e austeridade de vida passou o resto dos seus dias num eremitério” – facto este que nos poderá, naturalmente, levar a questionar se Francisco Soares Toscano teria lido a coletânea de breves narrativas composta pela irmã do rei Francisco I de França, cuja *editio princeps* viu a luz do prelo em 1558.

O paralelo estabelecido entre a romana Lucrecia e a portuguesa Órmia (Toscano, 1623, fol. 171 v.-172 v.), no sentido da defesa de duas mulheres exemplares, na linha dos textos pró-femininos, despoletados pela “Querelle des Femmes”, que vinham investindo na exaltação do género feminino, coloca também em destaque as virtudes da honestidade, honra e castidade: são duas mulheres que não hesitaram em se suicidar, no contexto da sua violação.

Com efeito, o caso de Lucrecia, enquanto paradigma de castidade (pese embora o facto de ser casada), vinha sendo divulgado por várias fontes (como a já referida obra de Valério Máximo) e seria, ao que parece, “absorvido”, pela literatura hagiográfica, que o “cristianizou”: lembremos os casos de Santa Margarida, Santa Agata, entre muitos outros (Gómez Moreno, 2008, pp. 150-151). Tendo em conta a excelência desta virtude, enquanto pauta comportamental feminina, não nos deve causar estranheza que Toscano tenha convocado o caso de Órmia (que, ainda que com matizes diversos, lembra um pouco o exemplo bíblico de Judite, que mata Holofernes), que, de resto, se inscreve em uma moldura, materializada por alguns textos, que tendiam a valorizar e exaltar as mulheres portuguesas. Por outro lado, não será despiciendo notar que os moldes da segunda novela do *Hep-tameron*, de Margarida de Navarra (Navarra, 1976, pp. 33-37), parecem, de facto, recuperar alguns aspetos deste relato (“A mulher de um almocreve de Amboise preferiu morrer às mãos de seu criado que ceder aos seus ruins desejos”).

3. Francisco Saraiva de Sousa, pároco da freguesia de Nossa Senhora dos Mártires e confessor do convento de Santa Marta, em Lisboa, deu à estampa o *Baculo Pastoral de flores de exemplos divinos colhidos de vária e autêntica história espiritual sobre a doutrina cristã, utilíssimo não só para pregadores e pastores de almas, mas para todo o cristão que procura salvar-se e instruir seus filhos com bons exemplos* (primeira edição de 1624), uma das obras que conheceria maior sucesso, traduzido pelo número de reedições que conheceu, ao longo dos séculos XVII e da primeira metade do século XVIII. O *Baculo Pastoral* inscreve-se, deste modo, em um quadro catequético, adequado aos moldes da Contrarreforma, e nesse sentido, Saraiva de Sousa defende a necessidade de os pais utilizarem esta obra ao serviço da educação cristã dos filhos (Fernandes, 1991, pp. 311-322; Fernandes, 1995, pp. 339-402), mas não pode ser também dissociado do filão de uma literatura moralizante, que deixou um largo lastro na Época Moderna, imbuída, naturalmente, de preocupações relacionadas com o disciplinamento devocional e social e a organização da vida “interior e espiritual” dos fiéis. Desde logo, no “Prólogo”, Francisco Saraiva de Sousa afirma que “assistindo [...] na Igreja de N. Senhora dos Martyres desta Cidade de Lisboa, quis tomar á” sua “conta (por serviço de Nosso Senhor) ensinar ás tardes dos Domingos, & Santos a Doutrina Christã aos meninos da freguesia; o que” fez “com a curiosidade, & zelo que

se deve a obra tão pia [...]”. Os capítulos são sempre ilustrados com aquilo a que o autor chama “exemplos”, que, nesse sentido, se configuram como contos de matéria predicável.

Uma leitura atenta da obra permitir-nos-á afirmar que são vários os contos em que surge a figura do Demónio, recuperada de relatos orais e escritos, como o *Sendebat*, em que surgia sob formas femininas, que não poderá ser dissociada do contexto de produção da obra, calibrado pela necessidade de morigeração de costumes e comportamentos, através das práticas espirituais e devotas e exercício das virtudes. Deste modo, o autor procurava inculcar a doutrina cristã, recorrendo a estratégias que visavam atemorizar os fiéis: neste caso concreto, socorre-se das potencialidades que a figura do Diabo disponibilizava, para levar os leitores/ouvintes a morigerarem os seus costumes, se pretendiam alcançar a salvação eterna.

O motivo da metamorfose, que remontava, como é sabido, ao *Asno de Ouro*, de Apuleio, e a *Eu, Lúcio. Memórias de um Burro*, de Luciano, encontra também destaque em uma narrativa inserida no *Baculo Pastoral*, relacionada com a transformação de um capão em sapo. Este tema surge também em *Calila e Dimna* (“La rata transformada em niña”), assim como em recolhas tradicionais do “Siglo de Oro”, como já assinalou Maxime Chevalier (Chevalier, 1983), nos quais as problemáticas em torno da magia e do “sobrenatural” adquiriam um destaque incontestável.

A narrativa sobre as “Justiças” do rei D. Pedro I (Sousa, 1657) releva de algumas afinidades com o conto intitulado “Justiça de Trajano”, incluído na recolha de Teófilo Braga (Braga, 1999, pp. 75-76). Este autor defende que esta lenda é de origem medieval, tendo sido objeto de atenção por parte de João Diácono, São Tomás de Aquino e Dante (Braga, 1999, p. 76) e surge também no *Flos Sanctorum*, na “Vida” de S. Gregório Magno, a propósito de uma passagem em que o santo se lembrou da justiça praticada pelo imperador.

O relato sobre Santa Liduvina configura-se em torno de determinados *topoi*, de larga tradição. Tentando, à semelhança de tantas outras santas, virgens e mártires, escapar a certas propostas sexuais ilícitas ou ao matrimónio, Liduvina pede a Deus que seja acometida de uma grave doença, que lhe deforme o corpo e a torne feia (uma espécie de “Pele de Burro”, personagem de um dos contos de Charles Perrault, incluídos em *Contes de la Mère l’Oye*, que, todavia, só seriam editados em 1697), para desta forma, escapar ao pecado. Além disso, Liduvina só bebe água suja, aspeto que, segundo Gómez Moreno, parece aproximar esta narrativa do *Romance de Fontefrida*, “en una estampa muy próxima de la de la tórtola que despreciaba el agua clara y la bebía turbia” (Gómez Moreno, 2008, p. 150).

Os moldes que configuram a narrativa em torno da rainha Santa Isabel de Portugal e do seu pajem (Sousa, 1624, p. 148) encontravam-se já, como notou Teófilo Braga, no *Patrañuelo* de Joan Timoneda (“Patraña 17”; Timoneda, 1990, pp. 211-216), obra cuja influência se faz também notar nos *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo*, de Gonçalo Fernandes Trancoso.

4. Por sua vez, o *Casamento Perfeito*, de Diogo Paiva de Andrada, inscreve-se também na moldura da literatura moral, largamente cultivada no Portugal de Seiscentos.

Como já realçou Maria de Lurdes Correia Fernandes, em diferentes estudos (Fernandes, 1987, pp. 31-46; Fernandes, 1995), o próprio título da obra remete-nos para a sua finalidade modelar e exemplar: com efeito, socorrendo-se de uma vasta erudição, o autor insiste na necessidade de “perfeição” moral e espiritual dos casados e da possibilidade de salvação das suas almas. Tendo em vista em propósito, narra vários contos, alguns extraídos dos clássicos que Paiva de Andrade parece conhecer de forma aprofundada, outros provenientes dos contistas e novelistas italianos do século anterior, outros recolhidos dos Livros de Linhagens, outros da tradição popular. De resto, a tendência moralizante da obra conduz, não raras vezes, a uma amplificação dos contos.

É, de facto, o que parece acontecer com a narrativa em torno de um homem “casado, segundo contam as Crónicas antigas, com uma filha de El-Rei de Leão, e andando na guerra contra os Mouros, lha fazia mui grande contra sua honra um homem, que de noite lhe saltava os muros; chegou-lhe notícia do que passava, e ainda que confuso, e perturbado, quis mesmo ser sua testemunha; porque não é prudência governar-se ninguém em coisas tão próprias por informações, nem juízos alheios; e vendo, que subia quem quer, que era, pelas paredes do seu jardim, e saltava dentro; subiu logo, e saltou atrás dele, e achou-o com uma mulher junto consigo, que pelos jeitos, e trajos, lhe pareceu ser a Infante; e sem mais detença, nem discurso embebeu a espada nele, e correu atrás dela, que lhe foi fugindo para o aposento, onde a Infante dormia; entrou correndo com aquela raivosa fúria em seu alcance, e achou a mesma Infante sua mulher assentada na cama mui inquieta, e sobressaltada; e certificado por estas mal consideradas mostras ser ela a própria que lhe vinha fugindo, lhe começou a dar cruéis estocadas: no mesmo tempo saiu uma mulher debaixo do leito vestida nos trajos da Infante gritando, que estivesse quieto, porque ela, e não sua senhora, merecia aquele castigo: era esta uma dama, ou criada sua, que depois da Infante estar recolhida, se ornava com os seus vestidos, e saía ao jardim a recrear-se com um seu namorado, que era o que o senhor deixara morto: e desatinada com o medo da morte, fugiu para onde estava sua senhora a pedir, que a socorresse, e se meteu debaixo do leito: ela que não sabia parte de tal sucesso, acordou ao estrondo dos gritos, e se assentou na cama com a confusão, e sobressalto, com que a viu estar o cego marido: quis a culpada atalhar o mal com dizer a verdade, porém, não foi ele tão venturoso, que chegasse a tempo este remédio, porque já a inocente, e desafortunada Infante estava morta das feridas, e ele de dor, e arrependimento quase também morto junto com ela. Ao outro dia se foi a El-Rei com um grilhão nos pés; e lhe disse publicamente, que ele satisfizera com sua honra, parecendo-lhe, que a Infante lho merecera; porém, que depois da vingança executada, lhe constara claramente de sua inocência, que ali vinha já preso em ferros diante dele, para que mandasse logo executar a justiça. El-Rei, vendo razões tão justificadas, lhe concedeu a vida, e ele a foi logo perder em seu serviço, fazendo maravilhas de valentia” (Andrada, 2008, pp. 50-51).

Diogo Paiva de Andrada deverá ter conhecido esta narrativa, que José Matoso considera um “romance”, na linha das considerações de Menendez Pelayo, através do *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro de Barcelos*, nomeadamente de um relato que narra o assassinato de Dona Estevainha, ou Estefânia Alonso, filha do

rei Afonso VII de Leão e Castela, às mãos do marido, Fernão Rodrigues de Castro, devido às “aventuras” amorosas de uma covilheira com um peão (Mattoso, 1983). O motivo do assassinio de um dos cônjuges à mão do outro remontava à Antiguidade clássica: lembremos o exemplo de Clitemnestra, que, com a ajuda do seu amante, Egisto, mata o marido, Agamémnon; por sua vez, é também possível rastrear no *Sendebarr* o tema da maldade das mulheres. Para além do tópico do “disfarce”, que confere uma certa tensão ao relato, a relação ilícita entre a aia e o seu amante funciona como um elemento que, de certo modo, intensifica a sexualidade inerente ao relato. No século XVI, Matteo Bandello, na “Historia Tercera de la Duquesa de Saboya” (Bandello, 1943, pp. 49-98), retomará o tema da mulher acusada injustamente de adultério, embora, neste caso, esta não tenha tido o destino trágico de D. Estevainha. A narrativa sobre o “fidalgo português, que estava antigamente por Embaixador na Corte de El-Rei de Castela” (Andrada, 2008, p. 51) retoma o mesmo tema⁶.

A sexagésima nona novela do *Heptameron* (Navarra, vol. 3, 1976, p. 115) parece configurar-se como uma variante desta narrativa, na medida em que, neste caso, é o marido quem veste o fato da aia, assim como a sexagésima sexta novela explora o tema do eventual efeito “nefasto” que os criados poderão exercer.

A narrativa que Diogo Paiva de Andrada inclui no seu *Casamento Perfeito*, a propósito de Albuíno, rei dos Lombardos, e de sua mulher, Rosimunda (apesar de nunca a identificar pelo nome) (Andrada, 2008, p. 24)⁷, parece ser uma ampli-

⁶ Andrada, 2008, p. 51: “Mais considerado foi, e com melhor fortuna, um fidalgo português, que estava antigamente por Embaixador na Corte de El-Rei de Castela; chegou-lhe notícia, que entrava um homem as mais das noites pela janela do aposento, onde sua mulher dormia: veio logo secretamente informar-se do caso, e achou, que era ainda mais do que lhe disseram, e que de umas línguas para outras, (que são as navalhas de todas as honras), se ia pela sua cortando largo. Nem ainda assim se quis confiar senão de seus olhos, e com eles viu em uma noite escura subir por uma escada de corda o causador de sua desonra: subiu ele depois com muito esforço, e resolução pela mesma escada, e entrando muito secreta, e mansamente pela janela dentro, não sentiu rumor na casa, nem rasto, ou sinal algum de ruim suspeita; foi-se para a cama, onde a mulher estava, ainda cioso, e mal inclinado, e não achou mais, que a ela dormindo muito quieta, e descansada, porque a inocência receia pouco, e suspeita menos: espantado, e indeterminado andou tenteando com a espada todos os cantos, até que pelas gretas de uma porta enxergou na casa de dentro luzir candeia; e sentindo falar um homem em voz muito baixa, acabou de entender, que ali devia estar quem ele buscava: abriu a porta, e entrou de repente, e achou-o com uma criada, a qual o metia em casa todas as noites pela janela da mesma câmara de sua senhora, depois que a sentia pegada no sono. Acabou ele de quietar seu furioso sentimento, com ver, que sua honra estava segura; e dando aos lascivos, e atrevidos amantes seu justo castigo, manifestou o que passava a toda a cidade, e tornou com a sua embaixada mais bem quieto do que veio”.

⁷ “Alboino Rei dos Longobardos, casou-se inconsideradamente com uma sua cativa, e depois que a levantou a tanta preeminência, e dignidade, a tratava publicamente com descortesias e despezos; sentia-os ela com sofrimento, mas ele perseverava com demasia, até que ela se resolveu em tomar vingança [...]; propôs a um Hermenequildo mancebo nobre, e atrevido, que quisesse por traição matar a El-Rei, e prometeu-lhe em prémio o leito, e o Reino [...]; soube que Hermenequildo tratava amores com uma dama de sua Corte, e a esta mandou que em certa noite o fizesse vir ao seu aposento; e fingindo que era a própria dama, esteve com ele às escuras a noite toda: quando se quis ir, lhe descobriu com quem estivera, e lhe disse que ou matasse El-Rei, e casasse com ela, ou lhe havia de mandar cortar a cabeça [...]; aceitou ele o primeiro partido, e logo se pôs tudo

ficção do tipo 1511.II da classificação Aarne-Thompson (“The Queen murders her husband”) (Thompson, 1961). Esta tradição terá sido, de acordo com Teófilo Braga (Braga, 1999, p. 93), coligida de Paulo Diácono e de Gotfrid e teve larga fortuna no contexto italiano⁸.

Pese embora o facto de não termos encontrado provas que sustentem esta hipótese, Diogo Paiva de Andrada parece ter sido leitor de Margarida de Navarra e de Matteo Bandello, na medida em que algumas das breves narrativas que insere no *Casamento Perfeito* apresentam várias semelhanças com algumas das novelas daqueles autores, conduzindo-nos, assim, a equacionar questões relacionadas com a receção e a circulação da prosa de ficção estrangeira em Portugal, durante o século XVII. Neste sentido, valerá a pena chamar a atenção para a narrativa sobre Giaquineta:

Uma formosa dama Genovesa, por nome Gianquineta, era muito amada de um cidadão nobre e muito rico chamado Vivaldo, desprezou-o por alguns anos com termos esquivos e soberbos, e pelo desenganar, se com outro de muito menos fazenda, e qualidade; era o marido mercador, como são quase todos os moradores daquela cidade, e andava muitas vezes por fora negociando seus tratos [...]. De uma vez que o marido andava ausente, sobreveio na cidade grande carestia de mantimentos, a qual como sempre aperta mais com os menos providos, em breves dias fez gastar a Gianquineta esse pouco provimento com que ficara, e achou-se com três filhos que sustentar sem nenhum remédio, nem socorro; quis comprar a sustentação com a honestidade, que é a resolução mais ordinária nas que são virtuosas por cumprimento, e parecendo-lhe que em Vivaldo teria a compra certa, lhe foi oferecer com rogos o que tantas vezes negara com desprezos; foi ele cristão generoso, posto que amante afeiçoado, porque antepoando os preceitos do Céu aos do seu gosto, sem lhe ofender a honestidade lhe acudiu liberalmente à sua miséria.

O excerto acima transcrito comporta certas semelhanças com a vigésima quarta novela do *Heptameron* (“Por via da grande pressa que tinha em descobrir o seu amor à rainha de Castela, foi Elisor por ela tão cruelmente tratado, que lhe foi esse amor prejudicial e empós proveitoso”; Navarra, 1976, pp. 59-69), mas a sua estrutura permite-nos perceber que foi decalcado da vigésima sexta novela, incluída na “segunda parte” da coletânea de Bandello (s.d, pp. 1028-1036).

A história sobre Cláudia Fiesco, filha do conde Sinibaldo Fiesco, casada com Simón Ravasquero, senhor de Taro⁹, recupera a novela XXXVIII da coleção

em efeito. Poucos dias eram passados, quando vendo ela que sendo Rainha se casara com tanto dispêndio de sua preeminência, e autoridade, começou a viver com o mesmo desgosto, com que vivia seu primeiro marido; e não lhe sofrendo também o coração esta segunda desigualdade, tratou de matar estoutro secretamente, para se casar com um Rei seu vizinho [...]; deu-lhe peçonha mui refinada; e ele vendo-se com as ânsias da morte, e suspeitando a causa dela, a fez comer por força da mesma peçonha, com que morreram ambos em pouco espaço”.

⁸ Pode ser também encontrada no *Horto do Esposo* (2007, pp. 163-164).

⁹ “Muito o foi, posto que sem nenhum fundamento, a de uma Cláudia Genovesa, filha do Conde Sinibaldo, casada com Simão Ravasquero, de que resultou ser necessário dar satisfações e executar vinganças; era formosa em todo extremo, e não menos honesta e precatada; por uma razão teve muitos afeiçoados, por outra nenhum favorecido; entre todos foi mais importuno um João

bandeliana (s.d, pp. 1227-1235), mas o *Leitmotiv* que a traveja releva de afinidades com a vigésima sétima novela do *Heptameron* (“Certo secretário que, com vista a amor desonesto e ilícito, andava atrás da mulher de um seu anfitrião e companheiro, parecendo ela dar-lhe voluntariamente ouvidos, julgou tê-la conquistado; mas ela foi tão virtuosa que, com a dissimulação, o enganou na sua esperança e declarou o seu vício ao marido”; Navarra, 1976, pp. 93-95).

5. Desde os inícios do século XVI, o género hagiográfico foi recebendo “sopros” de renovação e de modernização, no sentido de uma depuração dos textos, no domínio filológico, e de uma preocupação com o rigor histórico, para o que muito terão contribuído as contestações de alguns humanistas (como Erasmo), as posições dos protestantes e, posteriormente, já no século XVII, a atividade dos bolandistas e dos beneditinos de Saint-Maur, principalmente através das acérrimas críticas à desmedida valorização do “maravilhoso” (sobretudo dos milagres) nas narrativas das vidas de determinados santos, assim como à veracidade de alguns desses relatos, especialmente aqueles que compunham a *Legenda Aurea*. Pese embora este clima de renovação, as obras de tónica hagiográfica, editadas ao longo do século XVII, não deixaram de continuar a incorporar na sua estrutura tópicos que se inscreviam na dimensão do “maravilhoso” e que se encontravam já em relatos e textos anteriores.

Como já realçaram Hippolyte Delehaye e Ilaria Ramelli (Delehaye, 1955; Ramelli, 2004-2005, pp. 207-223), a literatura hagiográfica cristã soube, desde cedo, “socorrer-se” de vários *topoi* e temas que se encontravam já na literatura oral e na literatura profana: esta moldura conduziu a que, naturalmente, as fronteiras do relato hagiográfico nunca tivessem sido claramente definidas e diferenciadas, pois, atendendo à sua estrutura, poderia ser relacionado e evidenciar a sua afinidade com outras formas de narrativa breves, ainda que o seu conteúdo fosse diametralmente oposto (Delehaye, 1955). Com efeito, o mesmo autor relacionou estreitamente este género e a novela grega, tendo mesmo introduzido a designação “romans hagiographiques” (Delehaye, 1966, pp. 227-258), numa tentativa de classificação destes textos “híbridos”, que conciliavam uma vertente voltada para a difusão da doutrina cristã, escorada em modelos de cariz edificante, e outra mais permeável à dimensão do “maravilhoso”.

São, de facto, vários e diversos os temas e os motivos que se configuram como elementos básicos da ficção narrativa e que são, em muitos casos, “importados” do conto tradicional, que verificamos terem uma presença contínua nos relatos

Bautista de la Torre [...]; porém, não pôde nunca alcançar mais, que ser igual aos outros nos desfavores [...]; crescia nele o amor com a vista de Cláudia, e a resolução, e atrevimento com a confiança de suas riquezas [...]; quebrou com dádivas a lealdade de uma criada [...] a qual sendo fora Simão Ravasquiero, o meteu secretamente debaixo do leito [...]; apareceu-lhe depois de ela estar só, e recolhida, lembrando-lhe, que arriscava a vida, e honra se fizesse estrondo, ou movimento: não fez ela conta destes perigos, porque a virtude é mui confiada e sempre nestas ocasiões favorecida; desembaraçou-se dele com queixas e gritos pedindo socorro a seus criados, e o mal considerado amante em castigo de seus atrevimentos, foi por eles morto às punhaladas”.

hagiográficos. A título de exemplo, poderíamos referir o caso do “Abade Santo” de Vilar de Frades, que

leuado da contemplação da patria celestial, para de todo se entregar a ella, partio de seu conuento ao romper d’alua para hum ameno, & deleitoso bosque vesinho, no qual de repente, eis que lhe aparece hũa que de notauel fermosura, que cantaua suauissimamente, a qual voando de hũa a outra parte o leuou apos si, atè penetrar o interior do deserto, onde parou; i elle sentado à sombra de hũa aruore, roibado, & suspenso de tam suaue melodia esteue por espaço de settenta anos, que Deos o conseruou naquele estado, atè que a que cessou de seu canto, & desapareceo. Mas o sancto velho imaginando que aquella era a própria manhã, que saira do conuento, se tornou a elle, onde sendo desconhecido dos monges, relatando o que lhe succedêra, foi restituído á sua antigua dignidade [...]. (Cardoso, tomo I, 2002, pp. 1-2)

A leitura deste excerto parece-nos permitir afirmar que este revela, claramente, inegáveis semelhanças com o conto dos Sete Adormecidos de Éfeso, classificado, por Aarne-Thompson, como o tipo 766, e com o conto maravilhoso da “Bela Adormecida”, refletindo, assim, intertextualidades de natureza diversa que, no século XVII, configuravam ainda os moldes da escrita de matriz hagiográfica.

6. Chegados a este ponto, valerá a pena tecer algumas reflexões. De larga e fecunda tradição, o conto foi, ao longo do século XVII, cultivado, em Portugal, sob matizes diversos, em obras que se enquadram em filões como a literatura moral, catequética, historiográfica ou hagiográfica, as quais, na moldura da Contrarreforma, unem a dimensão da utilidade e do didatismo à do entretenimento e do deleite, concretizando, deste modo, o binómio horaciano do *prodesse ac delectare*.

Calibradas pela *varietas*, resultante da intertextualidade, estas narrativas breves são, assim, molduras diegéticas que se escoram na necessidade de captar a atenção do leitor ou do ouvinte. Deste modo, “escudadas” pela “capa” da exemplaridade – que poderia ser “positiva”, no sentido de “exemplo” a seguir, porque paradigmática, ou “negativa”, porque causa de “males” e castigos –, estas narrativas convertem-se em “casos paradigmáticos”, naturalmente em sintonia com a moldura da Contrarreforma, propostos como pautas comportamentais para imitação dos leitores e ouvintes...

Referências bibliográficas

- Amado, T. (1997). Os géneros e o trabalho textual. In C. A. Ribeiro & M. Madureira (Eds.), *O Género do Texto Medieval* (pp. 1-28). Lisboa: Cosmos.
- Andrada, D. P. (1630). *Casamento Perfeito*. Lisboa: por Jorge Rodriguez.
- Andrada, D. P. (2008). *Casamento Perfeito*. Lisboa: Sá da Costa.
- Bandello, M. (S. d.). *Novelle di Matteo Bandello*. Letteratura Italiana Einaudi. Recuperado de www.letteraturaitaliana.net/pdf/Volume_4/t77.pdf.
- Bandello, M. (1943). *Historias trágicas*. Madrid: Ediciones Atlas.
- Barros, J. (1540). *Espelho de Casados*. Porto: Vasco Dias Tanco de Frexenal.
- Boccaccio, G. (S. d.). *Decameron*. Tradução de Urbano Tavares Rodrigues (5 volumes). Lisboa: Formar/Bertrand.
- Braga, T. (1999). *Contos Tradicionais do Povo Português* (volume II). Lisboa: Publicações D. Quixote.
- Bremond, C.; Le Goff, J.; Schmitt, J.-C. (1982). *L'Exemplum*. Turnhout: Brepols.

- Buescu, A. I. (2016). *A livraria renascentista de D. Teodósio I, duque de Bragança*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.
- Caffiero, M. (1994). Tra modelli di disciplinamento e autonomia suggestiva. In G. Barone; M. Caffiero; F. S. Barcellona (Eds.), *Modelli di santità e modelli di comportamento. Contrasti, intersezioni, complementarità* (pp. 265-278). Torino: Rosenberg & Sellier.
- Calila e Dimna (1984). Ed. de Juan Manuel Cacho Blecua e María Jesús Lacarra. Madrid: Ediciones Castalia.
- Cardoso, J. (1652). *Agiologio Lusitano dos Sanctos, e Varoens Illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas Conquistas* (Tomo I). Lisboa: na Officina Crasbeekiana.
- Cardoso, J. (2002). *Agiologio Lusitano dos Sanctos, e Varoens Illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas Conquistas* (Tomo I). Ed. fac-similada com estudo e índices de Maria de Lurdes Correia Fernandes. Porto: Faculdade de Letras.
- Carvalho, J. A. F. (2013). Espiritualidade portátil. Um mundo a reconhecer? *Via Spiritus*, 20, 135-161.
- Castelo Branco, M. C. (2001). Género. In *Dicionário de Metalinguagens da Didáctica* (p. 204). Porto: Porto Editora.
- Chevalier, M. (1983). *Cuentos folkloricos españoles del Siglo de Oro*. Barcelona: Ed. Crítica.
- Delcorno, C. (1989). *Exemplum e letteratura: tra Medioevo e Rinascimento*. Bologna: Il Mulino.
- Delehaye, H. (1955). *Les légendes hagiographiques* (4ª). Bruxelles: Société des Bollandistes.
- Delehaye, H. (1966). *Les passions des martyrs et les genres littéraires* (2ª ed.). Bruxelles: Société des Bollandistes.
- Fernandes, M. L. C. (1987). Da espiritualidade à moralidade: o casamento segundo Diogo Paiva de Andrada. *Problemáticas em História Cultural*. Anexo da *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas*, 1 (pp. 31-46). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Fernandes, M. L. C. (1991). Modelos educativos do Barroco em Portugal: a “boa criação” e a “polícia cristã”. *Actas do I Congresso Internacional do Barroco* (vol. I, pp. 31-46). Porto, X.
- Fernandes, M. L. C. (1995). *Espelhos, Cartas e Guias. Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica. 1450-1700*. Porto: Instituto de Cultura Portuguesa/ Faculdade de Letras do Porto.
- Fernandes, M. L. C. (2000). *Espiritualidade (Época Moderna)*. In C. M. de Azevedo (Dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal* (vol. II, pp. 187-193). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Ferreira, J. P. (1981). *Novelistas e contistas portugueses dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: IN-CM.
- Ferreras, J. I. (1988). *La novela en el siglo XVII*. Madrid: Taurus.
- Glória, N. M. G. J. (1988). *O espaço do conto no texto medieval* (Tese de Doutoramento). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Gómez Moreno, Á. (2008). *Claves hagiográficas de la literatura española (del Cantar de mio Cid a Cervantes)*. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert.
- Horto do Esposo* (2007). Edição de Irene Freire Nunes, coordenação de Helder Godinho. Lisboa: Edições Colibri.
- Kupert-Tsur, N. (2001). Le moi, sujet de l'Histoire. *Nouvelle Revue du Seizième Siècle*, 19 (1), 63-81.
- Lacarra, M. J. (1979). *Cientística medieval en España: los orígenes*. Zaragoza: Departamento de Literatura Española / Universidad de Zaragoza.
- Laspéras, J.-M. (1987). *La nouvelle en Espagne au Siècle d'Or*. Montpellier: Éditions du Castillet.
- Lund, C. (Ed.) (1980). *Anedotas portuguesas e memórias biográficas da corte quinhentista. Istórias e ditos galantes que sucederão e se disseram no Paço*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Mattoso, J. (1983). *Narrativas dos Livros de Linhagens*. Seleção, introdução e comentários de José Mattoso. Lisboa: IN-CM.
- Menéndez Pelayo, M. (1961). *Orígenes de la Novela* (vol. III). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Mimoso, A. B. F. (1997). *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo de Gonçalo Fernandes Trancoso* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Mimoso, A. B. F. (1998). “Contos e histórias de proveito e exemplo” de Gonçalo Fernandes Trancoso: um livro “exemplar”. *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas*, XV, 259-329.
- Mimoso, A. B. F. (2005). *A novela breve portuguesa do século XVII* (Tese de Doutoramento). Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Moisés, M. (1975). *O Conto Português*. S. Paulo: Cultrix.

- Navarra, M. (1976). *Heptameron* (3 volumes). Tradução de Luiza Neto Jorge e Manuel João Gomes. Lisboa: Editorial Estampa.
- Nobre, C. (1999). *Um Texto Instrutivo do Século XVI de Gonçalo Fernandes Trancoso. Contos & Histórias de Proveito & Exemplo*. Leiria: Magno Edições.
- Paredes Nuñez, J. (1984, Juillet-Décembre). El término “cuento” en la literatura románica medieval. *Bulletin Hispanique*, LXXXVI (3-4).
- Pedrosa, J. M. (2004). *El cuento popular en los Siglos de Oro*. Madrid: Ediciones del Laberinto.
- Quint, A.-M. (2000). Conto, história, novela – d’un mot à l’autre. In A.-M. Quint (Ed.), *Les voies du conte dans l’espace lusophone* (pp. 13-26). Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle.
- Ramelli, I. (2004-2005). La ricerca attuale sui rapporti tra il primo Cristianesimo e la cultura classica alla luce di un recente contributo. *Espacio, Tiempo e Forma, Serie II, Historia Antigua*, 17-18. UNED, 207-223.
- Santos, Z. C. (2000). *Literatura religiosa (Época Moderna)*. In C. Moreira de Azevedo (Dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal* (vol. III, pp. 125-130). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Santos, Z. C. (2013). Fonti e ricerche per la storia della santità in Portogallo nel Seicento. *Sancroforum*, 10, 143-158
- Sendebarr* (1996). Ed. de María Jesús Lacarra. Madrid: Catedra.
- Sousa, F. S. (1624). *Baculo Pastoral de exemplos divinos colhidos de vária e autentica historia espirital sobre a doutrina cristã, utilíssimo não so para pregadores e pastores de almas, mas para todo o cristão que procura salvar-se e instruir seus filhos com bons exemplos*. Lisboa: por Pedro Craesbeeck.
- Sousa, F. S. (1657). *Segunda Parte do Baculo Pastoral de exemplos divinos colhidos de vária e autentica historia espirital sobre a doutrina cristã*. Lisboa: por Antonio Alvarez.
- Thompson, S. (1961). *The types of the folktale: a classification and bibliography*. Helsinki: Academia Scientiarum Fennicae.
- Timoneda, J. (1990). *El Patrañuelo*. Ed. de María Pilar Cuartero Sancho. Madrid: Espasa-Calpe.
- Toscano, F. S. (1623). *Paralelos de Príncipes e Varões Ilustres, amigos a que muitos da nossa Nação portuguesa se assemelharam, em suas obras, ditos e feitos; com a origem das Armas de algumas familias deste Reino*. Evora: por Manoel Carvalho.
- Trancoso, G. F. (1575). *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo*. Lisboa: por António Gonçalves.
- Trancoso, G. F. (1974). *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo*. Prefácio, leitura de texto, glossário e notas de João Palma Ferreira. Lisboa: IN-CM.

Resumo

Género cultivado, por meio do registo escrito, desde a Idade Média – de que é exemplo o *Horto do Esposo* –, mas largamente difundido através de uma ancestral circulação oral, o conto conhece, em Portugal, um muito significativo sucesso, com a edição dos *Contos e Histórias de proveito e exemplo* (1575), de Gonçalo Fernandes Trancoso, que, como é sabido, reflete, em boa medida, a receção e a influência da “novella” de matriz italiana, sobretudo de Boccaccio ou Bandello. Pese embora o facto de, ao longo do século XVII português, não ter sido editada qualquer coletânea de contos, nos moldes da de Trancoso, tal quadro não significa que o género tenha caído em desuso ou no esquecimento. Neste sentido, tentando mostrar a perenidade do conto no discurso escrito, este artigo procura chamar a atenção para os moldes em que este género continuou a ser cultivado, ainda que, por vezes, apresentando matizes diversos, tributários de uma evidente intertextualidade, mas que não poderão ser dissociados da sua função didáctica e de entretenimento, como o *Casamento Perfeito* (1630), de Diogo Paiva de Andrada, o *Baculo Pastoral* (1624), de Francisco Saraiva de Sousa, os *Paralelos de Príncipes* (1623), de Francisco Soares Toscano, e até mesmo o *Agiologio Lusitano* (1652-1666), de Jorge Cardoso.

Abstract

Developed since the Middle Ages – *Horto do Esposo* being an example – but widely spread through ancestral oral circulation, the tale knows in Portugal a very significant success, with the edition of *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo* (1575), by Gonçalo Fernandes Trancoso, which, as is well known, reflects, to a large extent, the reception and influence of the Italian “novella”, especially those written by Boccaccio or Bandello. Despite the fact that during the XVIIth century, in Portugal, no collection of short stories, like that by Trancoso, was published, this does not mean that the genre has fallen into disuse or oblivion. In this sense, trying to show the continuity of the tale in the written discourse, this article seeks to draw attention to the ways in which this genre continued to be cultivated, although sometimes presenting different nuances, tributaries of a clear intertextuality, from the perspective of their role to teach and to entertain, in works such *Casamento Perfeito* (1630) by Diogo Paiva de Andrada, *Baculo Pastoral* (1624), by Francisco Saraiva de Sousa, *Paralellos de Principes* (1623), by Francisco Soares Toscano, or *Agiologio Lusitano* (1652-1666), by Jorge Cardoso.